Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 402

21 DE FEVEREIRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

SUA MAGESTADE EL-REI D. AFFONSO XIII DE HESPANHA

CHRONICA OCCIDENTAL

Lá passou mais um carnaval á historia, e este sinceramente não deu muito que fallar de si, nem deixou saudades.

O carnaval de 1890 que está exactamente a expirar na hora em que eu estou escrevendo esta chronica, póde gabar-se lá com os seus collegas de ser o carnaval mais insipido, mais semsaborão, mais estupido de todos quantos n'estes ultimos annos tem apparecido no nosso paiz.

E ser o mais insipido dos carnavaes portuguezes não é dizer pouco, porquanto a insipidez e a semsaboria é caracteristica de todos elles.

Ainda o d'este anno tem duas razões fortes a allegar em sua defeza, duas cousas com que póde justificar essa semsaboria collossal, que durante os tres dias d'entrudo reinou nas ruas de Lisboa.

Essas duas rasões, essas duas cousas, foram as preoccupações, d'ordem muito differente dos esguichos das bisnagas e das batalhas de tremoço, que tem dominado ultimamente o espirito publico em Portugal, e a chuva que cahiu n'esses tres dias consagrados ao folião Deus Carnaval.

Evidentemente não é quando um paiz atravessa uma crise politica como a que Portugal está atravessando, que os animos estão mais propensos e dispostos para as folias carnavalescas: não é quando uma nação inteira, e uma nação que tem brio, acaba de ser desfeiteada á face de todo o mundo por outra nação muito mais poderosa do que ella, e pensa a serio em reorganisar os seus meios de defeza para se prevenir contra futuros ultrages, que a occasião é mais apropriada para festas alegres, para entrudos ruidosos.

Eu bem sei que uma nação não é o mesmo que um individuo, que uma collectividade não é o mesmo que uma personalidade e que o plano do Carnaval de 1890 feito por Guerra Junqueiro, não podia passar d'uma formosissima utopia de poeta; mas em todo o caso se o modo de sentir e de pensar d'um grupo de espiritos previlegiados não poude impôr-se á multidão, o que é certo é que tudo o que se tem passado n'estes ultimos tempos, o que se tem dito e o que se tem escripto, não podia deixar de ter influencia sobre o espirito publico em geral, e que essa influencia havia de sentir-se mais ou menos nas festas e brinquedos carnavalescos.

Sentiu-se e sentiu-se muito mais ainda do que se sentiria, pela segunda razão — pelo mau tempo.

A chuva collaborou poderosamente na propaganda anti-carnavalesca, e parece que foi de proposito para isso que desceu lá de cima, precisamente nos tres dias d'entrudo.

Ha muitos annos, mesmo muitos, que o inverno em Portugal não se apresentava tão prasenteiro, tão alegre, tão primaveral, como o inverno que vae correndo.

A chuva não se tinha até agora dignado visitar-nos, apezar da sua visita ser ardentemente desejada pela agricultura, e até mesmo pela saude publica, porque na opinião de muitos medicos illustres, a quadra excessivamente doentia que temos atravessado provem d'isso mesmo, da falta d'agua.

Essa falta tem sido tão sentida que até nas egrejas se tem feito preces pedindo chuva. E a chuva resistia a todos os pedidos e não vinha.

Agora porém decidiu-se e o Carnaval a chegar a Lisboa e ella a chegar tambem.

E não foi a chuva sósinha, foi a chuva com todo o seu cortejo de grande gala, o vento, o frio, os lamaçaes enormes que tornam a cidade quasi que intransitavel.

Ora, d'um lado pouca vontade para mascaradas e para brincadeiras de carnaval; do outro lado quasi impossibilidade material de as fazer; que demonio havia de ser do entrudo de 1890?

Foi o que não podia deixar de ser: uma semsaboria em tres dias e tres noites. Nas ruas pouca gente, nenhuma animação, mascarados pelintras esgueirando-se, fugidos á chuva, todos cobertos de lama: raras carruagens com *pierrots* e *pierretes*, algumas com creanças bem vestidas — as unicas mascaras supportaveis que apparecem em Lisboa: nos bailes publicos muita gente, mas a mesma falta de mascaras, d'animação, de espirito, e em compensação abundancia de vinho, de grosseria e por vezes de pancada.

E aqui teem o que foi o entrudo de 1890.

Nos outros annos — sobretudo nos ultimos, — se os bailes tinham a mesma feição que tiveram agora, as ruas apresentavam outro aspecto, jogava se o entrudo um pouco á bruta ainda, mas com animação, com alegria, com bom humor, e na Avenida havia essas festas carnavalescas modernas, as batalhas de flôres, que se não tinham a elegancia, o luxo, a sumptuosidade que teem lá fóra, representavam, comtudo, um notavel progresso nas nossas festas d'entrudo.

Este anno nada d'isso houve, e nada d'isso mesmo estava planeado, não podendo, portanto, attribuir-se a sua ausencia á presença inesperada e importuna da chuva.

Nos bailes publicos faltou um, que não sendo com certeza, dos mais animados e concorridos de Lisboa, era justamente aquelle que tinha mais a nota da distincção e do bom tom — o baile de S. Carlos.

Os bailes de mascaras em S. Carlos eram quasi que uma instituição; datavam de 1836 — que foi o primeiro anno em que o theatro lyrico se permittiu o luxo de dar bailes de mascaras, e com grande lusimento e preços elevadissimos. Este anno os bailes acabaram, senão para sempre, pelo menos emquanto lá estiverem na platéa as cadeiras, que esta época lá se inauguraram, e que, aparafusadas ao chão, uma a uma, tornam completamente impossivel o armar-se no fim do espectaculo todo o theatro em sala de baile.

Em compensação a empreza de S. Carlos se não deu este anno baile pelo carnaval deu um espectaculo carnavalesco de muito bom gosto e que teve um grande e legitimo successo.

De tempos immemoriaveis é costume em S. Carlos dar-se pelo carnaval o *Barbeiro de Sevilha*.

A magnifica opera-buffa de Rossini presta-se melhor do que nenhuma á *charge* e á brincadeira que tambem de tempos immemoriaes costumam caracterisar os espectaculos de S. Carlos nos tres dias de entrudo.

Mas apesar de todas as suas bellezas graciosas o *Barbeiro de Sevilha*, á força de ouvido e tornado a ouvir, cança já horrorosamente o publico e a não ser muito bem cantado torna-se n'uma massada monumental.

E desde que a Patti, o Massini e o Cotogni cantaram em S. Carlos o *Barbeiro de Sevilha* o *Barbeiro* muito bem cantado tornou-se difficil a valer.

E viu-se isso ainda no anno passado.

O *Barbeiro* foi cantado pela Vauzandt e pelo Battistini, e apesar d'isso não conseguiu agradar.

Pois este anno o *Barbeiro* cantou-se e agradou extraordinariamente e foi um dos maiores successos da actual epoca.

Porque?

Porque a empreza teve uma idéa que não é original, que não é nova em primeira mão, mas que é devéras graciosissima e que teve uma realisação maravilhosa:—dar o *Barbeiro* todo cantado por mulheres.

Ha trinta e oito annos—em 2 de fevereiro de 1852—já se tinha feito em S. Carlos coisa parecida e com a mesma opera.

O sexo feio não foi absolutamente excluido do desempenho da opera de Rossini, mas o conde de Almaviva foi feito em *travesti* pela Rossi Cassia, e o D. Bartholo pela Ersilia Agostini. O resto do desempenho porem era o habitual e os côros eram todos cantados por homens.

Entretanto já ninguem se lembra d'isso, e a empreza de S. Carlos ampliou a idéa, e quiz mesmo dar toda a opera por mulheres.

A sr.ª Pasqua, não podendo encarregar-se da parte de *Figaro* não deixou a empreza de S. Carlos ser tão feminista como desejava, e obrigou-a a transigir com o sexo forte deixando que o barbeiro fosse um homem.

Foi o sr. Mangini-Colette e manda a verdade que se diga que representou com muita honra o *sexo a que devemos nossos tios* e que soube merecer parte da ovação, que coroou a opera, o que até agora nas outras operas nunca tinha sabido o que era entre nós.

O publico estava de tão má fé com elle—má fé justificada pelos mediocres trabalhos que em todas as operas tem apresentado—que quando elle entrou em scena mesmo antes d'elle abrir a bocca, pateou-o.

O sr. Colletti abriu a bocca e d'ali a nada esse mesmo publico fazia-lhe uma ovação enorme e o que é mais, uma ovação justissima.

Ha coisas em theatro que não se explicam. Como é que o sr. Coletti que é extremamente mediocre na *Aida*, na *Favorita*, no *Rei de Lahore*, na *Dinorah*, é optimo, é magnifico no *Barbeiro de Sevilha?*

Não sei explicar, mas sei que é assim.

A parte de Figaro tem muito que cantar e muito que representar, e o sr. Coletti cantou-a e representou-a magistralmente, excedendo todos os bons artistas que entre nós melhor tem cantado o *Figaro*, chegando por vezes a igualar o Catagni.

O publico ficou muito surprehendido e fez-lhe uma grande ovação, ovação que tambem o deve ter surprehendido muito porque é a primeira que ouve em Lisboa.

As honras do *Barbeiro de Sevilha* a quem couberam porém em primeiro logar foi á sr.ª Tetrazini, que é positivamente surprehendente, maravilhosa, no papel de Almaviva.

E' o primeiro Almaviva que vemos e ouvimos em S. Carlos, apesar de termos ouvido o Massini. O Massini fazia n'esta opera prodigios de vocalisação com a sua voz unica, a cantar era um assombro, mas a representar deixava muito a desejar n'esta opera, como deixava em todas, e como ainda mais, todos os tenores deixam, porque uma coisa que me faz scismar é o motivo porque não ha tenores com talento dramatico.

Eu do meu tempo não me lembro de nenhum, e os melhores, o Massini, o Gayarre, o Tamagno, nunca mostraram o que era interpretar um personagem, como tem mostrado barytonos e baixos, o Devoyood, o Uetam, o Petit, o Cotogni, o Kaschman, o Francisco d'Andrade, o Battistini e o Menotti.

Porque será isto? Haverá qualquer rasão physiologica para o que á voz de tenor não correspondam as faculdades artisticas de primeira ordem que se pódem alliar ás outras vozes?

Não sei, mas sei que o facto é este, como sei que nunca vi o personagem d'Almaviva em scena senão agora, que uma grande artista e uma grande cantora, por phantasia jovial se lembrou de ir cantar a parte de tenor da opera de Rossini.

Tetrasini é magistral em toda a opera, e encantadora para ver, porque vem gentilissima nos seus travestis, é encantadora para ouvir porque canta e representa no ideal da perfeição artistica. O seu trabalho é uma verdadeira obra prima, e a empreza de S. Carlos deve dar mais vezes o *Barbeiro* com a Tetrasini, para que todo o publico possa apreciar e admirar aquella maravilhosa execução.

Os outros papeis do *Barbeiro* foram todos desempenhados excellentemente, sobresahindo a sr.ª Bulicioff, que fez com muita *verve*, com muita graça comica e bom humor uma deliciosa *charge* do personagem de D. Bazilio.

Na primeira noite em que o publico ouvia deliciado o *Barbeiro*, constou em S. Carlos uma tristissima noticia, que infelizmente era verdadeira, a noticia da morte do sr. conselheiro João d'Andrade Corvo. De ha muito gravemente enfermo, Andrade Corvo falleceu no dia 15 do corrente, e o seu enterro realisou-se na segunda feira gorda no cemiterio dos Prazeres.

O sr. Andrade Corvo era uma das primeiras sumidades scientificas e politicas, da nossa terra e a sua morte importa mais uma grande perda para o paiz, que n'estes ultimos tempos tem visto desapparecer rapidamente no tumulo tantos dos seus grandes homens.

Que descance em paz o illustre morto.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI DE HESPANHA, AFFONSO XIII

D. Affonso XIII nasceu no palacio real de Madrid a 17 de maio de 1886, cinco mezes depois do fallecimento de seu augusto pae o sympatico rei Affonso XII.

Esta creança de quatro annos incompletos, tem actualmente na peninsula uma alta missão de equilibrio. Por morte d'elle a monarchia era insustentavel em Hespanha, e banida da Hespanha, seria impossivel em Portugal.

Os dias em que a doença do rei apresentou mais gravidade foram de provação para todos os hespanhoes, por isso que a gravidade da doença lembrava o desenlace fatal... E se o rei morresse a transformação do modo de ser da peninsula seria profundissima...

Era a Hespanha propriamente, porque era o pobre, o rico, o militar e o operario, todas as classes do funccionalismo, os homens mais notaveis do commercio hespanhol e da industria, mui-

tas senhoras e muitas creanças, encontravam-se, acotovellavam-se n'uma promiscuidade de cathegorias que bem demonstrava o interesse que os hespanhoes tomavam pelo estado de saude de *el-rei niño*.

As salas em que se mostravam ao publico os boletins medicos na Mayordomia-mayor, estavam sempre apinhadas de povo; houve um dia em que a quantidade de assignaturas dos visitantes a informarem-se da saude do rei, attingio o numero 24.000.

N'esta doença não se pode esquecer a mãe amantissima e corajosa que não abandonou um momento o leito real onde agonisava o filho. Sua Magestade a rainha regente D. Christina, teceu n'aquellas horas de dôr a sua corôa de santa dedicação e de amor maternal, que não descansou um minuto senão quando se declarou franco e evidente o alivio no soffrimento do filho querido.

O OCCIDENTE felicita a nação hespanhola e a augusta rainha regente por verem coroados de bom exito os seus esforços em salvar da morte o moço rei D. Affonso XIII.

O DUQUE DE ORLEANS

Luiz Filippe Roberto, duque de Orleans é, depois da rainha de Portugal, o filho mais velho dos condes de Paris. Tem hoje vinte e um annos; nasceu em 1869 na America, cidade de Twicheunham.

É um rapaz sympathico, de olhar ousado. Ultimamente posto em evidencia pela infracção por elle commettida da lei franceza, que versa sobre a expulsão dos principes, foi preso em Paris e agora condemnado a dois annos de prisão.

Este acto do joven duque de Orleans tem impressionado pouco os francezes. Nas camaras legislativas não tem havido interpellações sobre a prisão do duque, e a imprensa pouco se tem occupado do assumpto.

A familia de Orleans está banida do territorio francez como a de D. Miguel de Bragança o está de Portugal. O duque de Orleans apresentando-se, sabia, necessariamente que era preso e que de nada lhe valeriam as interpretações que quizessem dar ao facto que estava previsto na lei.

Apesar de tudo, a infracção da lei pelo duque não lhe trouxe a celebridade com que se contava.

O CASTELLO DE CEZIMBRA

Temos dado em gravura, no OCCIDENTE, quasi todos os antigos castellos de Portugal, e continuando na tarefa apresentamos hoje o de Cezimbra.

Este castello foi restaurado no tempo de el-rei D. João IV, no anno de 1648, em virtude de uma medida geral que mandava reparar as fortalezas do reino.

Foi superintendente d'estas obras o celebre padre jesuita Cosmander.

A sua construcção é porém muito mais antiga, porque deve ser anterior á fundação da monarchia.

Hoje está abandonado, o que não admira, quando a fortaleza da praia que está em rasoavel estado de conservação, tendo boas acommodações para governador, officiaes e soldados, possue apenas quatro artilheiros!

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

OS ANNEXOS DA ESTAÇÃO CENTRAL NO ROCIO

Damos hoje aos nossos leitores a gravura do edificio annexo á estação central de Lisboa, o qual, pela elegancia da architectura e pelas commodidades que ha de offerecer aos passageiros e empregados da linha, em tudo será digno d'uma cidade de primeira ordem.

Tendo se reconhecido que o sumptuoso edificio manuelino, em frente do theatro de D. Maria II, não era sufficiente para o fim a que tem de ser destinada uma estação nas condições em que se encontra a do Rocio, foi, pela administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, encarregado o habil architecto portuguez, sr. José Luiz Monteiro, de elaborar um novo projecto, onde fossem estabelecidas as dependencias da estação e um luxuoso restaurant, que será o melhor de Lisboa e que, pela situação em que se encontra na cidade, deverá ser dos mais concorridos.

Posta a concurso a execução do edificio foi esta adjudicada á Companhia Nacional de Construcções, á frente de cuja direcção se acha o sr. David Xavier Cohen, um dos nomes mais illustres da engenheria portugueza. Por parte da Companhia Real dirige estes trabalhos o sr. Antonio de Vasconcellos Porto, actual engenheiro chefe da construcção, cujo nome glorioso se acha immorredouramente vinculado ás grandes obras da linha urbana.

A Companhia Nacional de Construcções já deu principio á execução d'esta obra importantissima, mandando cravar as necessarias estacas sobre as quaes estão sendo estabelecidas as fundações do edificio.

O material empregado será sempre da melhor qualidade, tendo sido cuidadosamente escolhidos, para a execução das cantarias, os melhores marmores dos arredores de Lisboa, Pero Pinheiro, Dois Portos, etc. O vigamento será todo metallico e as madeiras riquissimas.

O edificio terá duas fachadas, uma sobre a rua do Principe, no alinhamento da estação, outra sobre a Praça dos Restauradores, em angulo recto com a primeira.

O restaurante, principal dependencia do annexo, occupará o primeiro andar, sendo o segundo, ao nivel da plataforma, destinado a varios serviços da exploração.

Como os dois edificios, propriedade da Companhia Real, são de architectura diversa, embora egualmente sumptuosa, haverá entre elles um pequeno intervallo de proximamente dez metros.

Uma grande galeria envidraçada, que abrirá sobre a Praça dos Restauradores, dará luz ás grandes salas do restaurant pelo lado do poente e a todas as outras salas que por ficarem encostadas ao grande muro de supporte não pódem receber luz por outro lado.

Lisboa transforma-se e melhora, devendo as suas mais notaveis transformações e utilidade de melhoramentos á Companhia Real.

J. C

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

(Continuado do n.º 400)

MARINHA DE GUERRA INGLEZA

O COURAÇADO «TRAFALGAR»

Este couraçado de que hoje damos o desenho, foi construido em Portsm'th, lançado ao mar em 1887, é de 11:940 toneladas e da força de 12.000 cavallos, o seu andamento superior a 16 milhas por hora.

A sua construcção é toda de aço e armado com quatro canhões de 67 toneladas cada um.

Foi feito debaixo de todas as regras mais modernas e aperfeiçoadas; é egual perfeitamente a um outro couraçado que a Inglaterra está a construir denominado «Nile», ambos estão considerados como de primeira classe ou almirantes como a Inglaterra os designa.[1]

Possue aquelle paiz 73 navios couraçados, entrando n'este numero 15 navios de construcção muito antiga como 1861, 1866 etc. e que são os que Lisboa mais conhece, pelas suas visitas aqui.

Tem mais a Inglaterra 80 cruzadores, que variam entre 3.500 a 9.000 toneladas, com o andamento de 16 a 18 milhas havendo alguns raros, que deitam 20 milhas por hora.

No numero de barcos para sua defeza conta tambem uns 200 torpedeiros, cuja tonelagem varia entre 28 a 350, com o andamento maximo, uns por outros de 21 milhas por hora. Addicionando a estes navios um grande numero de corvêtas, canhoneiras, transportes, avizos e 6 brigues escolas, prefaz um total de 600 navios de guerra, pouco mais ou menos.

Pode tambem dispor em caso de necessidade de 26 vapores da Companhia Cunard, Companhia Peninsular and Oriental, Companhia Inman and Internationale, Companhia White Star, etc., que em occasião precisa podem armar em cruzadores.

Apezar de tudo que deixamos descripto a Inglaterra vendo que a França já depois de publicado o nosso artigo sobre a marinha Franceza, esta nação mandou construir mais 87 navios de guerra de todas as classes, para o que o respectivo ministro pediu um credito, declarando que mais tarde, se a isso fosse forçado, pediria novo credito para o mesmo fim, ella mandou construir 168 navios de guerra, entrando n'este numero grandes couraçados, bons cruzadores, avisos torpedeiros e torpedeiros de alto mar, etc.

Depois d'esta esquadra construida terá gasto a Grã-Bretanha 31 milhões de libras.

E não sabemos onde parará tal febre de construcções navaes, e tanto que a Republica dos Estados-Unidos da America a exemplo do que se vae passando pela Europa resolveu mandar construir com a maior brevidade 10 couraçados de 10.000 toneladas, 28 couraçados de 6.000 a 8.000 toneladas, 10 couraçados de 3.500 toneladas, 1 navio ariete de 2.000 toneladas, 35 cruzadores de 3.000 a 7.500 toneladas, 6 cruzadores de 1.700 a 3.000 toneladas, 10 canhoneiras de 800 a 1.200 toneladas, 16 avisos torpedeiros dos typos do «Dolphin» e «Iork Town» de 1.200 a 1.700 toneladas e 101 vapores torpedeiros, esquadra esta que prefaz um total de 217 navios de guerra que junta á esquadra que já possue, deve impressionar bem desagradavelmente algumas nações europêas e entre ellas, em primeiro logar, a Inglaterra.

Além da força naval de que dispõe, tem a Inglaterra grande numero de portos onde pode abastecer os seus navios tanto de carvão como de material de guerra, não contando com os que dispõe propriamente em Inglaterra, tem em Gibraltar, Malta, Chypre, Aden, Hong-Kong, Natal, Santa Helena, Terra Nova, Guyana, Nova Galles, etc., emfim tem portos por todo o Globo.

Isto não metendo em linha de conta com o que no *The naval Annual* diz Lord Brassey (annual de 88 a 89) que considera o Egypto possessão estrategica Ingleza.

Depois d'esta forma de considerar o Egypto possessão ingleza, que nos admira que elles queiram roubar-nos S. Vicente, Lourenço Marques, etc., isto julgamos bem que lhes conviria por causa da França ter bons portos na grande ilha de Madagascar, nossa visinha de Moçambique, em Tunes, Algerie, Corsiga, Pondicherry, Tonkin, Reunião, Cochin-China, Gaudalupe, Martinique, Tahite, Nova-Caledonia, Obok, Guiana, Gabão Guiné, Senegal, Islandes, Comores e Congo e a Allemanha o nosso visinho Zanzibar.

(Continúa)

Grumete.

CONFLICTO ANGLO PORTUGUEZ

A INGLATERRA CONQUISTADORA

II

(Continuado do n.º 400)

No nosso anterior artigo tinhamos dito que o *inglez* roubava os nossos galeões quando não via n'elles tremular a nossa flâmula de guerra, hoje pode nos accrescentar: — *os seus mais notaveis almirantes não passaram de uns ladrões dos mares, tão ladrões, que os hespanhoes enforcaram um digno camarada de Francisco Drake sem que os proprios inglezes ousassem protestar.*

Póde o leitor percorrer todas as nacionalidades do mundo que não encontrará, uma só, que não devesse a sua existencia a uma acção heroica ou a uma preponderancia que a fatalidade historica a indicasse como dominadora das similares.

A origem da Inglaterra é por demais conhecida. A civilisação humana não conhece a sua historia. Um bando de piratas escorraçado do continente europeu saltou nas praias da pobre Albion povoada de selvagens, e, trucidando e escravisando os seus habitantes, iniciaram uma classe dirigente expoliadora e feroz. A Europa quasi não teve noticia de que existia uma *nação* tão proxima da nobre França e da honesta Hollanda, senão quando as suas costas até ali innuptas de correrias de piratas se viram traiçoeiramente accommettidas pelos bandidos da ilha roubada.

A Inglaterra tornou-se conhecida no mundo civilisado de um modo singular:—queimou Joanna d'Arc e degolou Maria Stuart e Joanna Grey.

Caso unico na historia da humanidade! Um povo tornar-se conhecido por assassinar mulheres.

Estava reservada esta gloria para a Inglaterra!...

*
* *

No que temos escripto não ha paixão contra uma nação reconhecidamente vil e traiçoeira perante a historia da humanidade.

Já no nosso anterior artigo nós tinhamos dito que o inglez se limitava a roubar os navios que vinham do sul por isso que se não aventuravam a navegar em mares *para elles, inglezes*, de todo em todo desconhecidos.

De um bello livro, publicado ha sete annos sob

---

[1] Vide o OCCIDENTE n.º 388.

o titulo de *A denominação ingleza*, livro a que por mais de uma vez nos temos soccorrido, já pelo notavel conhecimento historico do seu auctor, já pela sua orientação critica em accordo completo com a ordem de ideias que temos dado aos nossos trabalhos,—transcrevemos o seguinte periodo (Pag. 15):

«Depois de piratearem para viver, os inglezes piratearam para se engrandecer. Note-se: a mais poderosa nação colonial dos nossos dias pouco descobriu dos vastos dominios que possue, e esse pouco descobriu-o seguindo a esteira dos estrangeiros quando os progressos da nautica já haviam domado os mares. No periodo dos descobrimentos aventurosos das conquistas heroicas, quando Colombo dava á civilisação um mundo novo e Vasco da Gama lhe restituia uma sociedade perdida, os bretões occupavam-se nos seus rochedos em assassinar reis e dilacerarem-se uns aos outros brutalmente em homenagem ás ambições das familias mais emproadas da sua aristocracia. Quanto possuem, quasi tudo foi roubado a Portugal, aos hollandezes, aos hespanhoes, aos francezes...»

Elles não se teem batido para conquistar, ROUBAM é o verdadeiro termo, porque o que possuem hoje e em tempo era de Portugal, da Hollanda, da Hespanha ou da França, foi alcançado hypocritamente por meio de tratados que depois de acceitos pela Inglaterra eram em seguida violados.

O inglez não tem a mais leve noção de dignidade nacional: — o celebre almirante Drake, uma vergonha para a humanidade e uma gloria para a Inglaterra, que esperava no Atlantico os galeões carregados de ouro vindos do Panamá, do Rio da Prata ou das costas do Chili, pertencentes a qualquer nação, mereceu muitas vezes a força por fazer escravatura, roubar os navios de nações amigas e assassinar as tripulações indefezas. Que fez a rainha Isabel de Inglaterra?

Logo que Francis Drake chegou a Ramsgate quiz jantar a bordo do immundo chaveco que estava a apodrecer porque a estopa dos calafetos era molhada em sangue dos innocentes. A rainha de Inglaterra mandou desmanchar o pôdre chaveco da pirateria, ordenando que da sua gloriosa madeira se fizesse um pulpito destinado á Universidade de Oxford!!!..

E a religião ingleza é assim. O pulpito destinado á propagação da fé e do amor ao proximo, da instrucção ás creanças e do exemplo aos homens era construido por madeira ensopada em sangue de innocentes mortos a defenderem a sua propriedade e a vida dos seus?

Este facto historico dá bem a medida moral e justa da consciencia ingleza.

*
* *

Tem sido, a Inglaterra, o algoz de todos os povos que não sabem resistir-lhe; designadamente a Islandia. A verde Erin, é a victima secular.

Desde o seculo XVII não teem os inglezes descansado nem cansado em praticar sobre os habitantes da honesta ilha irlandeza, toda a casta de extorsões. Ficaram devastadas as suas provincias, ermas as suas villas. Dos 16 aos 60 annos eram passados a fio de espada todo o irlandez que viesse caír na mão do inglez, as mulheres eram varadas com um ferro em braza. Foram depois da guerra desterrados milhares d'estes infelizes. Na America foram vendidos vinte mil irlandezes pela nação que hoje tem um logar no congresso de Bruxellas!

Durante o periodo mais intenso da violenta guerra dos inglezes para exterminar a nobre Irlanda, houve uma população importante, Tredagh, que ficou reduzida a trinta pessoas. Pois estas ainda foram condemnadas a trabalhos publicos; em Wexford e outras villas succedeu o mesmo. Hugo Peters escrevia por este tempo ao governo inglez: — «Estaes senhores de Tredagh. Foram mortos 3.552 inimigos; não se poupa ninguem. Sáio n'este momento da egreja principal onde fui dar graças ao Senhor!»

Como apezar das matanças da celebre *Slaughter-house*, tribunal para as execuções em massa, ainda ficavam irlandezes, foi declarado pelo governo inglez que só poderiam habitar na provincia de Connaught.

Depois da **paz** uma das primeiras medidas foi a destruição das fabricas de lanificios porque faziam concorrencia ás de Inglaterra! E não davam outra rasão. Tentaram fazer o mesmo aqui em Portugal mas a gloriosa Revolução de 1820 atirou com o inglez para o mar.

A' oppressão violenta veio depois a tyrannia mansa; era a oppressão da lei. Leis especiaes para os pobres irlandezes. A lei era applicada do seguinte modo. Em 1771 o vice-rei da Irlanda ía absolver um réu por lhe não encontrar culpa, quando reparou que o auditorio composto de inglezes não approvaria a absolvição do irlandez, resolveu a questão dizendo para o publico:—«Vejo que querem a sua morte, portanto condemno o réu na pena ultima.»

Hão de convir que isto é assombroso de malvadez!!!...

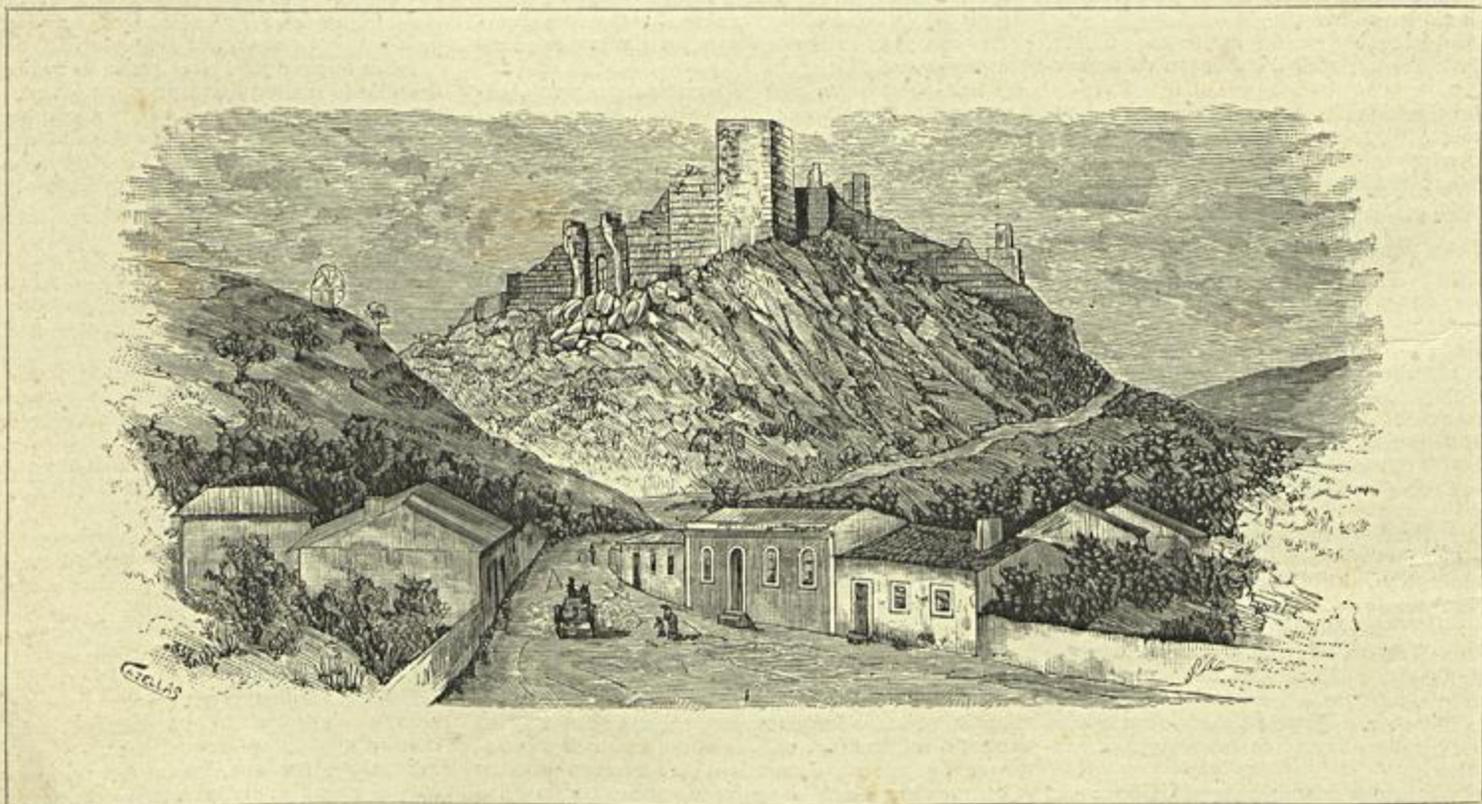
Em 1835 fez-se um inquerito ao estado da Irlanda; tem dez volumes, faz arrepiar, parece um romance de monstruosidades...

Havemos de desmascarar a Inglaterra.

Já dissemos o que esta vil nação tem sido no mar, o que tem sido na historia do sympathico povo irlandez.

No proximo artigo trataremos da Inglaterra perante a America Inglezada, até que cheguemos á dominação ingleza em Portugal.

(Continúa.) *Manoel Barradas.*

O DUQUE DE ORLEANS

CASTELLO DE CEZIMBRA

(Desenho do natural por Cazellas)

FRANCISCO PALHA

(Concluido do n.º 399)

Francisco Palha cultivava com egual talento, com egual expontaneidade o verso e a prosa. Esta dupla qualidade não é muito vulgar porquanto conhecemos e toda a gente conhece notabilissimos poetas que são detestaveis prosadores, eminentes prosadores que quando lhes dá para fazerem versos, não ha quem os possa lêr.

Palha era extraordinario em ambos os generos: em prosa havia na nossa litreratura só um homem que se lhes podia comparar—Camillo Castello Branco, em verso não conhecemos ninguem que se lhe compare. A prosa de Francisco Palha era profundamente original, tinha um cunho possantissimo de individualidade; era só d'elle:

Nos annos da sua mocidade a sua musa era meramente e exclusivamente galhofeira, satyrica, comica.

Depois veiu juntar-se-lhe a nota lyrica, a nota amorosa, mas com uma discreção, uma sobriedade e uma originalidade extranhas.

De vez em quando, no meio dos seus versos alegres, mais mordazes, o poeta alludia n'um relampago de sentimentalidade delicadissima, a um ideal que encontrára na vida, para logo perder para sempre nas sombras do tumulo.

E a nota amorosa tinha um tom elegiaco sentidissimo, que o poeta dissimulava logo entre risos e gargalhadas, como que temendo metter os leitores joviaes e indifferentes na confidencia dilacerante do seu coração ferido.

Mais tarde nos ultimos annos da sua vida, a sua poesia toma uma phase nova e grandiosa.

Aquelle coração de velho foi de repente tomado por um grande affecto santo, que illuminou os ultimos annos da sua existencia—o amor por uma creança, que ella vira nascer, de quem fôra padrinho, o filho de um dos seus mais intimos amigos e companheiros.

Essa creança apossára-se completamente do coração e do espirito de Francisco Palha, e durante estes ultimos annos o grande escriptor o bom e querido homem, não teve um pensamento, uma ambição, uma esperança que não fosse para essa creança a que chamava seu neto.

Deixava tudo para ir para junto d'essa creança brincar com ella: se ella estava alegre, bem, feliz, estava Francisco Palha felicissimo, se a mais pequena doença se approximava do berço d'essa creança querida já Francisco Palha não sabia de que terra era, não contassem com elle para cousa nenhuma.

E comprehende-se este grande affecto, que no ultimo quartel da existencia se apossou d'aquelle homem, cujo coração amantissimo passára toda a vida fechado aos sentimentos dulcissimos do amor de pae, do amor de marido, na vida um pouco bohemia de solteirão!

E Palha não nascera para essa vida; não tinha sido feito para ella.

O seu coração e o seu espirito comprehendiam todas as delicadezas mais subtis dos santos sentimentos affectuosos da familia: mas o acaso é que fizera tudo aquillo, o acaso foi que lhe arremessou para o tumulo a mulher que elle principiára a amar, o acaso foi que o lançou na vida airada de bastidores onde os grandes affectos intimos se callam para não se confundir com as ligações futeis e passageiras, foi esse mesmo acaso que no fim da vida não quiz que Francisco Palha baixasse ao tumulo sem saber o que era um d'esses affectos santos, que nos dominam completamente, que nos enchem toda a existencia, e pôz-lhe no caminho essa creança encantadora que elle amou como mais não poderia amar o mais amantisso e disvellado de todos os paes.

Este novo sentimento trasborda de todos os trabalhos litterarios feitos por Francisco Palha n'estes ultimos annos.

Não sahia da sua penna a mais pequena quadra em que elle não fallasse de qualquer fórma, sob qualquer pretexto, d'aquella creança que era toda a sua adoração, dir-se-hia mesmo que n'isto Francisco Palha obedecia a uma determinada preoccupação, por ventura a um enguiço, em deixar de aludir sempre que escrevia aquella creança que não lhe sahia nem um instante do pensamento.

E fosse o que fosse, a litteratura não lhe pode querer mal por isso, porque deve a essa nota docemente melancholica não só muitas das mais brilhantes e famosas paginas da obra de Francisco Palha, inclusivè a ultima estrophe do seu ultimo trabalho litterario, que é uma obra prima de inestimavel valor, mas das mais notaveis paginas da poesia contemporanea.

Esse seu ultimo trabalho é quasi todo inedito, apenas alguns fragmentos vieram a publico: mas nós que o conhecemos na sua integra, que o ouvimos lêr a Francisco Palha dias antes d'elle morrer, podemos garantir que é não só a corôa mais brilhante de toda a obra litteraria do grande escriptor, como tambem um dos monumentos mais notaveis da litteratura portugueza contemporanea. Esse trabalho chama-se *Cartas do outro mundo*.

Francisco Palha, como que advinhando a morte, tivera a phantasia lugubre de se imaginar já no outro mundo, e de lá escrevia umas cartas, em verso, contando o que lá se passava, as intrigas que por lá havia, as conversas que tinha e que ouvia a muitos mortos illustres, que de ha muito fizeram a longa viagem.

Algumas d'essas cartas são satyras maravilhosas, escriptas com aquella bonhomia profunda que era o caracteristico originalissimo das mais aceradas criticas de Francisco Palha.

Depois de contar o que por lá tem passado, uma estação balnear nas margens do Lethes, o poeta conta que é chamado á presença de Deus para o juizo final. Escreve o seu dialogo com o Padre Eterno, a defeza que apresentou dos seus actos e attenuantes que allegou em desconto dos seus peccados.

Uma d'essas attenuantes é o ter tido 30 e tantos annos de emprezarios e ter lidado com actores, actrizes e auctores.

Deus, ao ouvir isto, não quer saber de mais nada, absolve-o de todas as suas culpas e manda-o direitinho para o Paraiso.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — ANNEXO DA GRANDE ESTAÇÃO DO ROCIO

Projecto do architecto José Luiz Monteiro

Francisco Palha então, antes de entrar no Eden, pede a Deus que proteja, guie e ampare uma creança que elle deixou no mundo, uma creança em quem resumia todos os seus affectos, que era toda a sua alegria, toda a sua ventura.

Esta invocação a Deus, pedindo-lhe protecção para o seu neto, é uma maravilha de sentimento e de execução artistica.

Francisco Palha quando a leu tinha os olhos rasos de lagrimas: aquellas estrophes tinham sido feitas com bocados da sua alma: e nós e mais dois amigos e collegas nossos do ministerio do Reino, onde Francisco Palha fazia a leitura, quando essa leitura acabou, chorávamos tambem como creanças.

Segundo ouvimos, o sr. Marquez da Foz, sobrinho querido do illustre escriptor, vae mandar publicar as *Cartas do outro mundo*, que Francisco Palha tinha confiado a Bordallo Pinheiro para illustrar, e fazendo isso o nobre Marquez da Foz presta um grande serviço ás lettras portuguezas e eleva a memoria de Francisco Palha o mais alto e duradouro monumento.

*
* *

Fallámos de Francisco Palha como poeta e como prosador, falta-nos fallar d'elle como emprezario theatral.

Depois de Garret nunca houve em Portugal quem trabalhasse mais em pró do theatro que Francisco Palha.

Dedicou a isso toda a sua vida, todo o seu extraordinario talento, todas a suas raras aptidões, toda a sua boa vontade.

Os serviços que elle prestou á arte e aos artistas não se podem sequer enumerar nos acanhados limites d'esta noticia.

Francisco Palha reorganisou o theatro de D. Maria cahido em marasmo, póde-se dizer que o ressuscitou, que lhe restituiu a vida com a sua sabia e habilissima administração, administração que juntou n'aquelle theatro um grupo d'artistas excepcionaes como nunca ali tornou a haver.

Francisco Palha creou as reformas para os actores, acabou com as penas vexatorias de prisão que havia nas leis para obrigar os actores escripturados a cumprir com os deveres impostos por essas escripturas, levantou muito o nivel artistico da nossa terra; deu aos actores consideração e respeitabilidade; fundou e dirigiu sempre o theatro da Trindade onde creou um genero novo entre nós e que abriu novos horisontes ás aptidões dos actores e actrizes portuguezas, em summa foi um trabalhador excepcional em pró do theatro e dos artistas, e a sua morte foi tanto para estes como para aquelle uma perda irreparavel.

Os actores sabiam bem o que deviam a Francisco Palha, e por isso, apesar de todas as questiunculas que muitos tiveram com elle, como não podia deixar de ser dada a sua longa vida de emprezario theatral, todos eram doidos por elle, todos prantearam sinceramente e justamente a sua morte.

*
* *

A pessoa que escreve estas linhas viveu quatorze annos com Francisco Palha dia a dia no ministerio do Reino, onde tinha a honra de o ter por chefe, noite a noite no theatro da Trindade, e durante essa intimidade de 14 annos, nem nas suas relações de funccionario publico com o chefe, nem nas suas relações de auctor dramatico com o emprezario, teve com elle a mais ligeira discrepancia, a mais pequena semsaboria.

Durante esses 14 annos aprendi a conhecer e a adorar o grande e bello caracter d'esse santo homem cujo extraordinario talento de ha muito aprendera a admirar, e é por isso sinto as lagrimas nos olhos ao escrever estas rapidas linhas ácerca de Francisco Palha, estas linhas que são como que o ultimo adeus ao amigo querido, ao escriptor maravilhoso, que a morte roubou á nossa estima e á nossa admiração.

Gervasio Lobato.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

VII

A CENSURA DOS LIVROS E A DIRECÇÃO DAS ESCOLAS DE ENSINO PUBLICO

(Continuado do n.º 398)

Por esta lei o exame e censura devia recahir sobre todos os papeis avulsos, livros e estampas que se houvessem de publicar ou introduzir n'estes reinos, comminando aos contraventores as mais severas penas espirituaes, *proprias do supremo poderio* da Egreja, e mais as penas temporaes de prisão, degredo e multas pecuniarias, conforme a gravidade do delicto.

Deve porém notar-se — e com pasmo o dizemos porque o reinado de D. Maria I foi o reinado do jesuitismo — que por essa lei não era permittido á Inquisição a censura dos livros, devendo ella deixar esse encargo ao tribunal da Real Mesa, nem tão pouco era concedido aos bispos e arcebispos a sua prohibição.

Alem d'isso á Real Mesa era incumbida a inspecção dos estudos menores do reino, que havia sido tirada a frei Manuel do Cenaculo, bem como a direcção do Collegio dos Nobres.

Infelizmente o jesuita campeava e vencia em toda a linha porque a breve trecho este tribunal foi dado por inutil e inefficaz, como o havia sido o seu antecessor, e a inspecção dos estudos do reino, foi confiada, em 17 de janeiro de 1789, ao Principal Castro, reitor e reformador da universidade de Coimbra, circumstancia que veiu ainda mais depressa abrir o caminho a novas reformas e para n'aquelle estabelecimento litterario se concentrar a direcção geral dos estudos do reino, como adeante veremos.

Apparecendo a lei de 17 de dezembro de 1794, abolindo a Mesa da Commissão Geral de Censura e Exame dos Livros veiu crear em logar d'esta a Junta da *Directoria Geral dos Estudos e Escholas de Reino.*

N'esse alvará se explicam as razões porque o governo de sua magestade houve por bem abolir a Mesa da Commissão geral: —

«... accresceram porém taes causas e embaraços anteriores, a extraordinaria e temivel Revolução Litteraria e Doutrinal, que n'estes ultimos annos, e actualmente, tem tão funestamente attentado contra as opiniões estabelecidas, propagando novos, inauditos e horrorosos principios e sentimentos Politicos, Philosophicos, Theologicos e Juridicos, derramados e dessiminados para ruina da Religião, dos Imperios e das Sociedades, que toda a Prudencia Religiosa e Politica exige que para reparação do Preterito, e precaução do Futuro se recorra a outros meios e providencias que possam com mais vigor e efficacia occorrer a tantos males e ruinas.»

Em seguida designa como se hade constituir o tribunal:—

—Em logar do tribunal extincto trabalhariam separadamente (e não juntas como anteriormente) as tres auctoridades Pontificia, Real e Episcopal (isto é: o Santo Officio, o Desembargo do Paço e o Ordinario), restituindo-se por conseguinte a delegação no exame e censura dos livros e papeis á Inquisição e aos bispos e arcebispos, devendo o exercicio pratico d'essas faculdades entre as tres auctoridades ser regulado de maneira que mutuamente se auxiliassem.

Os bens que pertenciam ao extincto tribunal seriam applicados a obras de piedade devendo ser arrecadados, administrados e despendidos pelo Real Erario.

Por carta regia da mesma data foi creada a *Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escholas do Reino*, entregando-se á universidade de Coimbra a inspecção e direcção das escolas menores e a do Collegio dos Nobres ao ministro e secretario d'estado dos negocios do reino.

A Junta da Directoria Geral dos Estudos teria por presidente o reitor da universidade, e por vogaes seis deputados e o secretario, devendo ser todos tirados do doutorado, ou do corpo docente academico.

N'uma carta regia datada de 17 de janeiro de 1791 e dirigida ao reitor D. Francisco Raphael de Castro (o Principal Castro) lhe foi ordenado que organisasse um regulamento completo para os estudos das referidas escolas, regulamento que abrangeria com solidas e amplas providencias os differentes ramos de ensino publico, que iam constituir o objecto da sua importante commissão.

Em 1811, ainda os livros e outros impressos eram publicados sob licença do Desembargo do Paço como se vê d'um aviso notavel datado de 5 de outubro e dirigido da côrte do Rio de Janeiro pelo governo do principe regente ao presidente da Mesa, então Francisco da Cunha Menezes, estranhando-lhe a licença dada para a traducção da *Historia Secreta do Gabinete de Bonaparte*, feita por Luiz Caetano de Campos, na qual — diz o citado aviso — se apregoam todas as calumnias que se publicaram contra sua magestade a rainha de Hespanha, calumnias injuriosas ao caracter d'essa augusta e infeliz senhora.

Ordenava-se ao referido desembargador que d'ahi em deante se estabelecesse a maior vigilancia sobre essas licenças não se permittindo a publicação de obras que insultassem a memoria dos soberanos em geral, e muito particularmente os que fossem apparentados ou alliados com a real familia portugueza, os que atacassem a religião do estado ou as dos outros estados da Europa; os que tratassem das constituições politicas d'esses estados e suas formas de governo, etc.

Como se vê do que deixamos esboçado subsistiu este estado de cousas, mais ou menos activamente, durante vinte e seis annos, isto é, até setembro de 1820, epoca memoravel em que rebentou a gloriosa revolução liberal, em que foi derribado por momentos o ominoso poder dos jesuitas, e, d'uma vez para sempre o Conselho do Santo Officio (5 de abril de 1821), decretado o ensino livre (28 de junho de 1821) e concedida ao povo a plena faculdade de imprimir, publicar, comprar e vender todos os livros e escriptos sem prévia licença ou censura, instituindo-se um *Tribunal* protector da Liberdade da Imprensa (4 de julho de 1821).

As algemas da escravidão cahiram despedaçadas ao som do hymno da liberdade. Os carceres da inquisição, d'esse tremendo e abusivo tribunal que por antiphrase tinha o nome de *Santo* e o titulo de *magestade*, essas masmorras salpicadas de sangue ainda quente das victimas, foram abertas como as portas do inferno de Dante, e mandadas demolir a tal ponto *que nem d'ellas podesse ficar memoria*. O peito oppresso pela dôr, pelo espanto, pelo terror, respirou alfim, e o sol esplendente da leberdade raiou com todo o seu fulgôr offuscante. Ante essa alleluia da liberdade os morcegos e os mochos de sotaina fugiram espavoridos e amaldiçoados pelo povo inteiro!

Honra e gloria aos exforçados heroes de 1820, a quem a patria deve tudo, porque lhes deve a sua liberdade!

Sobrevindo em 1823 a Villafrancada, a constituição teve de ceder-lhe o passo no meio dos geraes clamores do povo e dos solemnes protestos da camara dos deputados.

Tanto que o absolutismo se proclamou começaram desde logo a esfusiar os odios, as represões, as violencias, a censura e as perseguições.

Em 2 de junho foi de novo creada a censura que seria composta de *cinco membros intelligentes* e em 13 de novembro um decreto prohibia que se fizessem assignaturas de quaesquer periodicos ou folhetos impressos em paiz estrangeiro ou escriptos em portuguez, sem que o seu auctor tivesse préviamente pedido licença.

Ao infractor impunha-se-lhe nada menos do que á multa de 480$000 réis!

E isto durou, a mal do povo portuguez, ainda por dez annos, durante os quaes reinou o absolutismo encarnado nas pessoas de D. Carlota Joaquina, infanta D. Isabel Maria e D. Miguel.

Pela regeneração politica em 1834, o governo constitucional abriu a sua administração por meio de reformas rasgadamente liberaes. O primeiro acto do governo, pelo que respeita á instrucção publica, foi nomear uma commissão para se estudarem as melhores bases d'uma boa organisação d'ensino publico. Reconheceu-se que não era bastante um cargo superior que fiscalisasse e protegesse os estudos, precisava-se mais: a acção benefica e immediata do governo. Para isso teve de se supprimir a Junta da Directoria Geral dos Estudos e crear-se um *Conselho Geral d'Instrucção Publica.*

Data d'ahi a divisão dos estudos em *escolas primarias, secundarias e superiores*. Em cada capital de districto se creou uma escola normal de instrucção publica, em todas as povoações de 400 a 1:500 fogos uma escola d'ensino primario e duas nas povoações de 1:500 a 3:000 fogos. Essas escolas seriam estabelecidas em edificios publicos e mantidas pelos municipios.

(Continúa).

Silva Pereira.

A CHRYSALIDA

Tanto eu, como outros rapazes que nos juntavamos á noite no *Montanha*, frequentavamos a casa d'uma rapariga, ahi para os lados da baixa, e onde entretiamos longas horas, embriagados pelos olhares da bella moradora.

Chamavam-lhe a *Chrysalida*, não sei porque.

Era um nome de guerra como qualquer outro, que occultava o verdadeiro nome da familia.

Tinha sido bem bonita a *Chrysalida!*

E digo *tinha*, porque na presente occasião estava muito desfigurada. Nos olhos já não havia aquelle brilho que nos attrahia e que nos fazia estremecer até á medula dos ossos. A bocca já não

conservava o frescôr d'outr'ora, que, quando nos sorria, como ella sabia sorrir, deixava ver atravez dos labios carminados dois fiosinhos de perolas.

Tudo mudára!

Em troca, uma pallidez cadaverica cobria aquelle rosto antes tão gentil, uma tosse sêcca e impertinente, interrompia de continuo a sua conversa, um cansaço, como o que se sente quando se acaba de subir uma ladeira, fazia com que parasse a cada momento quando fallava.

— Que tens *Chrysalida*? lhe perguntei eu apezar de conhecer demasiado a doença que lhe roia a existencia.

— Que tenho? tenho estado muito doente, e parece-me que não andarei muito tempo cá por este mundo.

— Ora! isso ha de passar, mulher; não vale a penna desanimar por tão pouco.

— Pois sim, sim, ha de passar e de vez. Eu bem sei como ando.

E ficou silenciosa, como se aquellas palavras lhe fizessem reflectir n'um pensamento fatal.

— Olhe, quer crer uma cousa? disse depois.

— O que é?

— É que eu, que ha tanto tempo não vejo a minha familia, tenho saudades de a vêr.

— Então, porque não a procuras?

— Porque não sei onde ella está a estas horas. Quem sabe mesmo se já terão morrido todos?

E uma lagrima indiscreta veio deslizar pelas faces pallidas, que ella limpou com um finissimo lenço de cambraia.

— Minha mãe, principalmente, era tão minha amiga...

— E teu pae?

— Meu pae! oh! não me falle de meu pae! Foi elle que teve a culpa de tudo isto, mas apezar d'isso perdôo-lhe.

— A culpa de quê?

— De eu estar n'esta vida de miseria...

— Mas tu, emquanto tens estado n'esta vida a que chamas de *miseria*, tens gozado, tens tido amantes que te enchem de prodigalidades e por consequencia, tens gozado bastante.

— Sim, é verdade, mas esses amantes teem-me, não por amor, mas por luxo, como um objecto de *toilette*.

— Tens sido então muito desgraçada?

— Talvez...

— E porquê? conta-me as tuas magoas.

— Isso fica para outra occasião. Hoje não posso. Estou muito fatigada. E demais, a minha vida não lhe interessa nada,

— Não me interessa?! Porquê? A mim interessam-me sempre as desgraças alheias, e creio que não tens motivos para dizer o contrario.

— Pois sim, é verdade. Mas a minha historia é uma historia de familia de que o senhor decerto se riria se a ouvisse. Para a outra vez contarei, hoje não posso, já disse.

— Bem, então ficará para outra vez, mas olha que não te perdôo que m'a contes.

E despedi-me d'ella quasi com a convicção de que não a tornaria a ver.

Pobre rapariga!

*
* *

Eu morava muito perto do Alto de S. João.

O cemiterio era o meu passeio favorito, e todos os dias, depois de jantar; ia para ali sentar-me á sombra das arvores, a ler um romance ou a conversar com os coveiros.

Gostava d'aquelle isolamento, parecia que estava na morada do Silencio, e esse Silencio attrahia-me, fascinava-me.

Quando o sol começava a declinar, e batia com os seus raios vermelhos nas differentes construcções tumulares, ficava-me pensativo, meditando em quantos carinhos, em quantas paixões, em quantos affectos, aquelles marmores frios, guardavam como sentinellas mudas do campo dos mortos.

Uma tarde, estava eu sentado na baze d'uma cruz de pedra que guardava os restos d'um filho querido. A um metro de distancia, um velho coveiro que travára relações comigo havia muito tempo, abria uma cova pausadamente, como quem não tem pressa de acabar. Dir-se-hia até, que lhe custava bastante abrir aquella sepultura.

— Ah, tio João, lhe disse eu, sorrindo, parece que está hoje com pouca vontade de trabalhar.

— Palavra que não sei o que tenho hoje. Sinto-me triste, abatido. . Eu, que estou já tão acostumado com os mortos como com os vivos, sinto um pezo cá dentro para abrir esta cova, que parece ser para mim. A cada enchadada que dou, lembro-me de minha filha a quem já não vejo ha muito tempo...

E uma lagrima veio deslizar pelas faces enrugadas do pôbre velho, que a limpou com as costas da mão.

— Ah! o tio João tem uma filha! ...

— Tenho, ou tinha, não sei bem.

E deixou-se ficar encostado ao cabo da enchada, meditando no que tinha dito. Depois de estar assim alguns segundos continuou a trabalhar ainda com mais custo do que até ali.

Tornei então a interromper o silencio, dizendo-lhe:

— Não pense mais n'isso, homem, olhe que as vidas estão cada vez mais curtas.

— Isso é bom de dizer, tornou elle parando de cavar, mas é que sinto remorsos do que fiz.

— Se sente remorsos, é porque fez alguma coisa para os ter, disse eu cada vez mais interessado na conversa.

Elle acenou com a cabeça como convicto das minhas palavras.

Tentei novamente puchar-lhe pela lingua, e movido de curiosidade, perguntei-lhe:

— Sua filha era muito nova quando se separou de si?

— Tinha quinze annos.

— Foi talvez alguns amoricos.

— Sim, *amoricos*, diz bem...

E calou-se novamente.

— Olhe, disse elle, vou contar-lhe essa historia, porque me parece que ficarei mais aliviado.

Sentou-se na borda da cova e puchando do tabaco e mortalhas começou a fazer um cigarro, mas quasi sem dar attenção ao que fazia. Depois de o acender, ficou-se a contemplar o fumo que se desfazia no ar, e começou:

— Não devia dizer isto, que até me fica mal, mas como já lhe disse, sinto remorsos do que fiz, e por isso lhe vou contar esta triste historia como se fosse a um confessor que o fizesse. Minha filha era bonita a valer, e eu andava sempre com receio de que lhe acontecesse alguma desgraça. Ora na sua idade, eu não lhe podia prohibir que namorasse, mas dava-lhe conselhos que me pareciam não serem maus. Para o sitio tinha ido uma familia de Lisboa a tomar ares. É verdade, esquecia-me dizer-lhe que nós habitavamos em Caneças. Como ia dizendo, tinha ido para o sitio uma familia de Lisboa a tomar ares. O filho d'esta familia enamorou-se da minha Joanna, ou por outra, fingiu-se enamorado. Quando eu soube d'isto reprehendi-a asperamente porque bem via o que elle queria, e disse-lhe que tomasse cautella comsigo, porque elle, um rapaz fino, decerto se não ligaria a uma labrega. Ella não me quiz acreditar.

— E depois?

— Depois, passados tres ou quatro mezes, a tal familia foi para Lisboa, e eu supuz que aquillo tivesse acabado em bem, mas d'ali a pouco tempo, apezar d'ella occultar o mais que podia, percebi que estava gravida. Pul a na rua a pontapés e disse-lhe que não tornasse áquella caza; ella assim fez. A mãe morreu de desgosto d'álli a um anno, e eu vim para aqui enterrar mortos.

— Mas porque não procurou a tal familia e lhe contou o acontecido? Talvez que o rapaz reparasse a sua falta.

— Qual historia! Procurei, mas mandaram-me pôr fóra pelos criados, dizendo-me que eu não tinha sabido guardar a filha.

— Oh! isso não se faz...

— De maneira que nunca mais sube o que foi feito d'ella.

Depois d'esta pequena conversa o tio João tinha ficado muito abatido, e continuou a cavar cada vez com menos vontade.

— Sabe para quem é essa cova? perguntei eu para desviar o pensamento do velho.

— Não. Sei apenas que é para uma mulher muito conhecida pelos rapazes da baixa.

— Como se chamava?

— Não sei, não perguntei, nem tenho interesse algum em saber.

N'isto ouviu-se a sineta do cemiterio dar signal da entrada d'um corpo na cidade dos mortos.

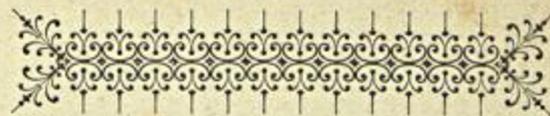
— Olhe, disse o tio João, parece-me que é ella que ahi vem.

Effectivamente, pouco depois dirigiam-se para o sitio onde estavamos, seis moços conduzindo um caixão. Atraz, algumas mulheres vestidas de preto, acompanhavam á ultima morada, o corpo da amiga e companheira dos seus infortunios.

Quando abriram o sarcophago, o tio João soltou um grito, que ecoou por todo o cemiterio.

— Joanna! minha filha!!... disse elle, e foi cahir fulminado, dentro da cova que abrira pouco antes.

Approximei-me para ver a filha do coveiro, e reconheci então n'aquelle rosto côr de cêra, o formoso rosto da *Chrysalida*.

Ricardo de Souza.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Illuminação electrica a grande distancia. — A companhia de electricidade americana *Ilinois Valley Electric Light and Power Company*, acaba de installar a illuminação electrica nas cidades de Ottawa e *Marselhas* em condições muito particulares.

Não se tratava ao principio senão de illuminar a cidade Ottawa, mas a companhia reconheceu que seria mais economico utilisar uma quéda d'agua no Illinois perto de *Marselhas*, a 12 kilometros da cidade, fazer a distribuição em alta pressão e montar em Ottawa uma estação com machinas a vapor empregando as correntes com baixa pressão.

Actualmente uma turbina actua um dynamo Heissler de 700 lampadas e 30 bugias repartidas em series sobre dois circuitos de 35 kil. de extensão cada uma, tanto na Ottawa como em Marselhas. O systema Heilssler de destribuição em series com correntes alternativas a alta tensão, está adquirindo na America desenvolvimento muito importante.

A penna de vidro. — Os antigos escreviam sobre taboinhas empastadas de cera, com um estylete de osso, marfim ou bronze.

Este instrumento primitivo cedeu o logar ao canniço aparado e fendido, quando appareceu o papyros. O caniço está ainda em uso no extremo oriente, na China, no Japão e na India.

Entre nós a penna de pato imperou como soberana durante muitos seculos. Alguns escriptores ainda não se decidiram a abandonal-a completamente. A penna de pato é um dos symbolos do jornalismo.

A penna metalica, essa maravilhosa invenção moderna, vem derribar a penna d'ave e accomodar-se nas suas diversas formas e modelos a todas as escriptas e a todas as mãos.

Mas, se bem que maravilhosa seja a sua invenção, tem a penna d'aço os seus inconvenientes: quando é nova seus bicos acerados rompem ás vezes o papel quando é velha o oxydo a corroe e inutilisa.

Acaba recentemente um inventor de pôr em scena a penna de vidro. N'ella não se empasta a tinta e não entra a ferrugem que deteriora a penna d'aço d'um dia para o outro. Escreve-se com a penna de vidro tão facilmente como se faria com um lapis, e sua ponta ligeiramente branda, arredondada, respeita a epiderme do papel o menos resistente.

Ella não pesa na mão, vantagem preciosa para os escrevinhadores do nosso tempo que tanto e tanto garatujam; é duradoura, permanente, indestructivel pelo tempo e só quebrando-a é que a gente se vê livre d'ella para a substituir por uma outra nova. O seu uso dá por certo grande economia nos escriptorios e repartições publicas onde tantas grosas de caixas se gastam!

Os fabricantes de pennas d'aço não veem com bons olhos esta resurreição do *stylete*, a classica penna dos antigos, com a qual elles escreviam ha mais de dois mil annos em cera molle e tantos *bonitos* faziam como ainda hoje se póde ver nos velhos codices que existem em Oxford.

Bom para os gulosos. — Um dos maiores fabricantes de assucar dos Estados Unidos, que tem as suas grandes fabricas em Washington, acaba de fazer a descoberta do assucar branco cristalisado applicado á construcção de edificios e monumentos.

Este industrial descobriu um meio de tornar o assucar mais branco e rijo que o melhor marmore. A resistencia do seu assucar comprimido ás influencias do ar, diz elle, são superiores á de todas as materias em construcção conhecidas até hoje.

O inventor propõe-se a acabar á sua custa, um annexo da Casa Branca, em Washington, feito solidamente pelo seu processo *de assucar branco cristalisado.*

Carvão sem fumo. — Tem-se procurado impedir que o carvão lance fumo no acto da combustão, modificando as grelhas ou as fornalhas das caldeiras de vapor, mas, até hoje, as tentativas tem ficado sem resultado.

A este respeito o *Iron* de 4 de outubro dá conta de uma experiencia, á qual assistiu a redacção d'esse jornal.

O carvão soffre primeiramente um preparo chimico, (que o dito jornal não diz qual seja). Por essa preparação as moleculas que de ordinario se escapam pelo tubo da chaminé sem terem experimentado a combustão, se acham mais ligadas á massa do combustivel e se consomem ao mesmo tempo.

Pela experiencia, que se realisou em Willis's Looms, viu-se que duas grandes fornalhas cheias de carvão, sendo uma do carvão ordinario e a outra com o preparo chimico novamente inventado, deram resultados differentes. A primeira lançou grande fumarada e a segunda conservou sempre a chama viva, activa e sem fumo algum.

Fixação de etiquetas sobre o ferro. — Tem sido difficil até hoje fazer adherir perfeitamente ao vidro, á porcelana, e sobre tudo ao ferro, os rotulos de papel, e muito menos os de pergaminho.

Eis agora — segundo um jornal scientifico — a receita d'uma colla que dá esse resultado.

Fazei macerar á parte em alguma agua, 120 grammas de gomma arabica e 30 grammas de gomma alquitira.

Quando esta ultima estiver bem deluida agitae-a até que ella forme uma emulsão viscosa homogenea. Depois juntae-lhe a agua com a gomma arabica filtrae tudo atravez um panno de linho.

Em seguida encorpora-se ao todo um bocado de glycerina, na qual se faz dissolver duas grammas e meia de oleo de tomilho e deixa-se de reposo algumas horas.

Este preparo deve conservar-se em frascos bem rolhados.

S. P.

REVISTA POLITICA

Hoje publicamos a seguinte carta porque diz bastantes verdades.

Meu caro *João Verdades*.

Já na revista anterior haviamos dito que a situação politica pouca alteração tem tido.

O governo não entrou com o pé direito e a *macaca* não o tem largado.

Senão vejamos: une-se o paiz inteiro no grito geral de *abaixo a Inglaterra!* Prepara-se a subscripção nacional para a defeza; forma-se a liga patriotica; organisam-se commissões em todos os districtos do reino e dependencias para angariar meios pecuniarios afim de que a defeza do paiz seja uma realidade; finalmente ha em todo o paiz um movimento que accusa vida, um sympathico revivescimento, — mas ninguem consegue apurar uma declaração do governo, não do que tem feito porque se vê bem que não tem feito nada, mas da creação dos meios para alguma cousa fazer.

Logo porém que os gue primeiro gritaram *fóra a politica*, a fizeram mais do que ninguem, que foram prohibidas manifestações pacificas destinadas a alimentar o fogo sagrado do amor patrio, e quando se accentua já a divisão entre grupos de familia portugueza, — sae o governo com uma canastrada de medidas energicas em papel.

É o caso — quando tu querias não queria eu...

O que vemos affirmado, por modo evidente, é que os nossos politicos não teem tratado senão de eleições, ninguem escreve o que pensa nem o que nos jornaes de combate, mas sim o que convem á politica e ao partidinho.

A questão patriotica está já perfeitamente assoberbada pela politica. E é por o entendermos assim que aconselhamos a que ninguem acredite no que actualmente se diz nos jornaes politicos sobre a questão nacional emquanto se não realisarem as eleições geraes. Porque d'aqui até lá tudo deve ser subjeitado a uma rigorosa quarentena.

Fois se até já apareceu em um jornal diario dirigido por um alto funccionario do esiado um artigo escripto por este cavalheiro onde se incrimina abertamente a idéa da snbscripção nacional e em que se chega a dizer o seguinte:

«A idéa da subscripção tem associada a da esmola. A subscripção suppõe favor, livre vontade, ausencia completa de obrigação da parte de quem subscreve. O subscriptor entende perfeitamente em sua consciencia que podia não o ser, se o não quizesse ser.»

E termina dizendo que — Andar de chapeu a pedir esmola para navios e para espingardas, é o mesmo que seria andar a pedir esmola para fazer estradas e construir caminhos de ferro.»

Ora hão de confessar que não ha momento mais asado, para taes considerações, do que este em que ainda não entrou um ceitil para o cofre da subscripção nacional; e no momento em que mais necessario se torna animar e accender o enthusiasmo, que vem de um homem de uma posição superior fazer taes indicações ao mesmo publico a quem se está procurando não arrefecer, a fim de que a subscripção nacional não tenha por fim um grande *fiasco*.

As Novidades, sensatamente, respondem ao mesmo cavalheiro n'estes termos:

«Não amesquinhemos as idéas nem disvirtuemos as palavras. Subscripção nacional é a contribuição voluntaria em beneficio dos interesses communs, não é dadiva para minorar sentimentos alheios. Esses interesses communs representam-se n'uma personificação abstracta, mas grandiosa e refulgente, que se chama a Patria. A Patria é a mãe de nós todos; e em linguagem nenhuma do mundo se chama *esmola* ao que os filhos dão aos paes.»

Como se vê a lição é dura mas foi merecida. O que é mui triste é que a divisão politica está feita. E portanto esses sonhos de união entre todos os portuguezes esvairam-se como fumo.

Amigo certo

Gil Bertram.

O COURAÇADO INGLEZ TRAFALGAR

Vid. art. — Apontamentos sobre a Marinha de Guerra dos diversos paizes

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Catalogue *d'une importante collection de livres anciens et modernes sur l'histoire, la litterature et la langue du Portugal et de Espagne, provenant de la bibliothéque de João Evangelista Guerra Rebello da Fontoura, en vente aux prix marqués á la librairie Karl W. Hiessemann* 2, Königs-Strasse, Leipzig.

As pessoas que quizerem adquirir alguns livros d'esta valiosa bibliotheca, podem dirigir o seu pedido de catalogos á livraria acima indicada.

O Regresso. — O sr. Henrique Muller Junior, um pianista distinctissimo e illustre compositor, acaba de pôr á venda um galope brilhante para piano, intitulado — *O Regresso*.

É mais uma producção brilhante do illustre musico, destinada a grande successo.

A capa traz um magnifico retrato do major Serpa Pinto, a quem a composição é dedicada. E esta a primeira homenagem artistica feita ao eminente explorador.

Adolpho, Modesto & C.ª — impressores